



Uma experiência poética a partir do descarte de sucatas no meio ambiente: olhar ressignificado pela fotografia

A poetic experience based on the disposal of scraps in the environment: looking resignified by photography

Jane Andiará Soares Zofoli

ORCID: 0000-0003-3359-7096

Universidade de Santa Maria, Brasil

Resumo

Neste trabalho, através da fotografia, proponho uma reflexão acerca do descarte e suas implicações ao meio ambiente, com foco na sustentabilidade, buscando uma (re)significação desse descarte pelo olhar fotográfico. Para tanto, podemos perguntar: como ressignificar pelo olhar fotográfico os objetos descartados, numa poética que transforme a insignificância dada ao descarte na sociedade atual? O objetivo é sensibilizar pessoas através desse novo olhar, no sentido de repensarem seus hábitos de consumo. Na elaboração deste trabalho, fotografo alguns locais onde as matérias inservíveis são jogadas; e utilizando o método cartográfico e da poética pretendo estabelecer possibilidades de uma poética em artes visuais, pela exposição desses itens.

Palavras-chave

Descarte. Meio ambiente. Ressignificação do olhar. Fotografia.

Abstract

In this work, focusing on sustainability through photography, I propose a reflection about the disposal and its implications to the environment, seeking its (re)meaning by the photographic look. To this end, it is possible to question how to signify by photographic gaze the discarded objects, in a poetics that transforms the insignificance given to discard in today's society. The goal is to sensitize people to a new look, in the sense of thinking about conscious consumption habits. In the present elaboration, I photograph some places where unusable materials are played, using the cartographic method and the poetic to establish possibilities of a poetic in visual arts, by the exhibition of these items.

Keywords

Discard. Environment. Resignation of the look. Photography.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

A arte contemporânea destaca-se pela sua liberdade de ação e até certa crítica à sociedade. Essa liberdade possibilita a introdução de materiais e temas não tradicionais no fazer artístico. Para o meu trabalho de artista pesquisadora a escolha do descarte, enquanto objeto de estudo, encontra sua significação na realização poética e no pensamento proveniente desse fazer em arte. É fazendo que os questionamentos surgem e o pensamento da obra em realização emerge.

Na pesquisa de mestrado em artes visuais escolhi abordar o descarte de sucatas no meio ambiente como objeto de estudo, na expectativa de realizar uma poética de ressignificação a partir do olhar fotográfico, tendo por objetivo subtrair do descarte objetos, formas, cores e texturas diversas que a fotografia transforma em arte. A arte, por sua força sensível, contribuirá para conscientizar sobre a importância de ações sustentáveis para a preservação do meio ambiente. A palavra descarte, nesse contexto, leva-nos a um fazer artístico cuja reconstrução do banal vislumbra a arte (desc-arte). Se em Desc-Arte a arte já se encontra, é no processo de realização que o presente trabalho fortalecerá o diálogo proposto.

Os hábitos da sociedade ainda são devastadores, se considerarmos a falta de atitudes voltadas à preservação do planeta, embora a mídia faça muitas campanhas voltadas para a sustentabilidade. Apesar disso, o quadro socioambiental na atualidade revela que o impacto dos humanos sobre o meio ambiente ainda não é adequado. Seu modo de vida contemporâneo instiga o consumo e, conseqüentemente, aumenta o descarte. Podemos afirmar que o homem usa os bens naturais como se não houvesse amanhã.

Torna-se cada vez mais necessário refletir sobre os desafios que precisamos assumir diariamente, para mudar as formas de pensar e agir em torno das causas ambientais, numa perspectiva contemporânea. Esse processo de conscientização começou a ser debatido a partir da Conferência Intergovernamental sobre educação ambiental realizada em Tbilisi, na Geórgia, ex-União Soviética (URSS), no período de 14 a 26 de outubro de 1977.

No Brasil, a influência de Tbilisi aparece na Lei n. 6.938, de 1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente¹, suas finalidades e mecanismos de formulação e execução. A lei se refere, em um de seus princípios, à educação ambiental em todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, a fim de capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente.

Nesse sentido acredito que a arte pode ser um agente de transformação, pois tem o poder de impulsionar sentimentos, percepções, cognição, expressão e criação. Essa inquietação me impulsiona a observar como o descarte acontece, principalmente na cidade de Santa Maria, e de que maneira a arte pode dar visibilidade a esse problema que afeta a todos.

A fotografia, nesta pesquisa, contribui para um pensamento afinado sobre o problema do descarte, visto que sua força transformadora ultrapassa os limites da própria (re)apresentação, chegando a um público amplo da sociedade. Acredito que transformar objetos descartados em objetos da arte, a partir da fotografia, significa que esse primeiro olhar direcionado ao meio ambiente já é um olhar atento que convida outros

1- Fonte: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/conferencia-de-tbilisi-1977/27425>

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

olhares para seguirem o mesmo passo em direção à sucata, resignificando um gesto, uma consciência, reaproveitando as matérias rejeitadas em objetos úteis para uns, simbólicos para outros.

Há muito tempo, fotografar esses locais tornou-se para mim, enquanto artista, um desafio, pois, a cada novo trabalho, percebo um novo elemento, uma nova cor, um novo sentido nos materiais tidos como lixo ou sucata, que se tornam instigantes ao olhar do observador e apreciador da arte. Posso dispor os elementos em diferentes posições e fotografar à vontade. Cada composição traz uma percepção de forma distinta, tornando-se uma fonte inesgotável de possibilidades. Através da fotografia, é possível propormos reflexões mais potentes que possam sensibilizar a sociedade às questões que dizem respeito ao modo de viver contemporâneo, não raro, alheio aos problemas ambientais. Ao falar em fotografia, Dubois (1993, p. 25) declara: "A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que se mostra".



Figuras 1 e 2: Jane Zofoli. S/ título (2018). Fotografias 21x30cm - Santa Maria, RS. Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Durante esta pesquisa, fotografei ferro e alumínio em processo de degradação aparente, como podemos observar (Figuras 01 e 02); as fotografias levam-nos a considerar um equilíbrio estático que infere na utilização de repetição de elementos ou uma série de dados visuais que modulam o espaço a partir de unidades bastante ímpares, dando à fotografia um ritmo compositivo bem estruturado. Pode-se perceber uma quebra de equilíbrio, evidenciada na irregularidade dos elementos, que permite a visualização de um arranjo bastante provocador aos olhos do espectador, gerada pelo contraste das cores e o enfático desgaste pela ação do tempo. A corrosão do material metálico, marcado pela ferrugem, contrasta com a forma geométrica perfeita da parte central das peças. A estética evidente da fotografia desmistifica a ideia de que alguns objetos inusitados, sem uma aparência interessante, não têm valor para a arte. Seria uma questão de sensibilidade, de olhar diferenciado, ou de ambos? O corte do material em forma triangular no meio da duas imagem conduz o olhar do espectador à divisão de planos, que evidenciam as diferentes texturas do objeto descartado, conferindo dinamismo à fotografia.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Na figura 3, o foco foi captar a cor esmaecida pelo tempo; na figura 4, o que chamou a atenção foi a textura do material acentuada pela luz onde o que parece banal torna-se conteúdo fotográfico que diz mais que a mera representação do objeto. E, na figura 5, o contraste percebido pelo jogo de luz e sombra foi o que me instigou a captar a imagem. Por que teria sido descartado?

Esses objetos não poderiam ter uma segunda vida? Obra onde o visível e o invisível tecem um diálogo capaz de despertar os olhares adormecidos pelo apressamento do mundo contemporâneo. Se observarmos as três imagens, sensibilizadas pelo olhar do fotógrafo, percebemos elementos naturais emergindo dos objetos de metal descartados.



Figuras 3 e 4: Jane Zofoli. S/ título (2017). Fotografias 30x21cm. Santa Maria, RS
Fonte: (ZOFOLI, 2017)



Figura 5: Jane Zofoli. S/título (2017). Fotografia 30x21cm. Santa Maria, RS. Fonte: (ZOFOLI, 2017)

Todo artista entrega-se à sua realização, de modo que sua experiência poética possa ser compartilhada com aqueles que a veem. É nesse sentido que o artista opera, no instante da apreensão da realidade fotografada, particularmente, nesta pesquisa, quando ele deseja comunicar e, por aí, instigar outros comportamentos relativos ao grave problema da poluição causada pelo descarte de lixo. Fotografar, mapear, expor à comunidade esse material permeado, muitas vezes, por detritos orgânicos, é engajar-se num processo de transformação ambiental seguramente sustentável, proposto pela fotografia e o que ela revela.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

A Figura 06 mostra a sucata de um carro com flores na bagagem, as quais, em sua cor lilás, ironicamente remetem à tranquilidade. A natureza acolheu para uma viagem que não sai do lugar. O carro encerra na mala a resposta à ausência de consciência ambiental de quem, propositadamente, “estacionou” para sempre o veículo no local. Nesse caso, a natureza maculada pelo lixo, responde com flores, retomando seu espaço, reveladas pela fotografia.



Figura 6: Jane Zofoli. S/título (2018). Fotografia 30x21cm. Santa Maria, RS. Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Apoiando-me em referências de obras de artistas como Vik Muniz (1961), pretendo que meu trabalho de pesquisa possa trazer uma contribuição como ação artística que se estenda para além do contexto da arte. Se há nesta pesquisa um interesse estético ele é, conseqüentemente, político. A fotografia tem poder de informar e de transformar. Para tanto, o trabalho fotográfico depende do fotógrafo que, ao enquadrar instantes, foca com os olhos os materiais descartados nas sucatas visitadas, não apenas capta imagens, mas trabalha para que sua criação possa despertar, pelo interesse estético das imagens, o olhar do outro e, por outra via, despertar atitudes de cunho sustentáveis.

Muniz é exemplo de artista conectado/atento aos problemas ambientais, alerta de exemplo do que pode a arte, gera reflexões sobre os materiais descartados e suas conseqüências. O trabalho de Vik Muniz e revela o poder da arte. Ele utiliza materiais totalmente insólitos, como geleia, chocolate, pasta produzida a partir do amendoim, xarope, vinho, açúcar, materiais recicláveis, fios de cabelo, diamante, gel, refeições, entre outras. Com essas substâncias ele configura imagens que posteriormente são reproduzidas e ampliadas por técnicas fotográficas que colocam no centro da visibilidade contemporânea os produtos de consumo logo descartados pelos próprios consumidores. A seguir, imagens de uma obra de Muniz concebida a partir de recortes e sobreposições de papéis de revistas encontradas no lixo:

Para realizar as obras, Muniz se apropria de obras de artistas renomados como Monet e também de personagens anônimos. Seu objetivo é alcançar também o público que não tem acesso às galerias de arte, mas que aprecia sua obra. Para ele, o maior reconhecimento é ver seu trabalho admirado por aqueles que se encontram à margem do convívio social e, muitas vezes vivendo das sucatas encontradas.

Talvez motivado por esse sentimento, o artista, em 2009, apresentou o documentário intitulado *O Lixo Extraordinário*, nomeado ao Oscar 2010, na categoria de

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Figura 7: Vik Muniz. Fotografia a partir de A Bar at the Folies Bergere After de Edouard Manet, por Vik Muniz. Foto: Magrinartes. Fonte: Itaú Cultural



Melhor Documentário, além de um prêmio no Festival de Berlim e em Sundance (EUA). No filme, é retratada sua relação com catadores de lixo do município de Duque de Caxias, na área metropolitana do Rio de Janeiro e comprova seu interesse nas questões relacionadas ao meio ambiente.

Sem a intenção de comparar-me a esse artista e a outros artistas que exemplificam o trabalho em arte, procuro também inovar e pensar no contexto da arte, a partir de fotografias de sucatas, o fazer artístico que, entre tensão, erros e acertos próprios do processo poético, abrirão caminhos para a construção deste trabalho. A escolha da sucata como objeto de estudo surgiu pela necessidade de propor uma ruptura de paradigmas, através da arte, que possam abrir um caminho possível capaz de incentivar outros comportamentos e ações sustentáveis; penso que assim, certos hábitos inadequados que ainda perduram na sociedade de consumo em que vivemos serão modificados.



Figura 8: Vik Muniz. Marat (Sebastião) (2008). Fonte: Disponível em: <https://www.sarasotaartmuseum.org/vik-muniz/>

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Se a tarefa parece difícil, a certeza de que ela não é impossível me incentiva a realizar um trabalho em arte capaz de conscientizar nossos pares dos problemas que dizem respeito a todos, sem exceção, uma vez que somos parte do meio ambiente em que vivemos; logo, devemos ser responsáveis pela sustentabilidade ambiental. Leff, assim se refere ao tema:

Impossível resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento (LEFF, 2001, p.85).

Fica evidente a complexidade dos problemas ambientais tanto do ponto de vista econômico e do humano, sem uma política de ações sustentáveis. No entanto, cabe a cada cidadão fazer sua parte. Escolhi esse tema para minha pesquisa na expectativa de contribuir tornando visível o que já não nos inquieta mais como a quantidade de dejetos que o mundo natural não pode mais receber. A fotografia me ajudará a observar e criar imagens que podem, pelo olhar, mudar comportamentos. Buscarei fazer do desgaste da matéria, evidenciado nos elementos de sucata, uma estética capaz de sensibilizar e motivar ações sustentáveis. Nesse contexto, há formas e cores que, uma vez evidenciadas pela fotografia, podem aumentar possibilidades de um projeto em artes.

Não existem materiais específicos, mas a vontade de transformar em arte o que parece banal, inútil. O material existe e a arte adquire seu sentido onde está inserida a ideia que transforma e faz dele o objeto sensível que a arte certifica.

Em certos casos o contexto torna-se mais importante que a obra em si, gerando, por fim, uma quebra em torno da adequação do objeto. Apoiando-se nas descobertas de Marcel Duchamp (1887-1968), em que tudo pode ser arte, o pensamento é quem passa a classificar o material de acordo com a ideia. O objeto serve para refletir um conceito, estabelecendo ligação com os pensamentos e com as percepções. Nesse sentido, o lixo, a sucata são fontes preciosas para a busca de uma imagem esteticamente interessante, surpreendente, indicando, por outro lado, a necessidade de estarmos atentos ao descaso com o meio ambiente. Ao fotografar o objeto exposto na imagem figura 06, busquei referência na fonte de Duchamp, de 1917. Apresentada no Salão da Sociedade Nova-iorquina de artistas independentes, constitui-se a partir de um urinol invertido. A operação que o caracteriza é o deslocamento de uma situação não artística para o contexto de arte.

Desde muito jovem tive interesse na linguagem artística da fotografia, especialmente naquelas que, de alguma forma, despertassem interesse pela temática ambiental. Hoje, ao empreender um projeto a partir da fotografia, abrangendo o tema do descarte de sucata, utilizo a cartografia aliado à poética, como instrumentos metodológicos

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

para representá-lo. Kastrup, afirma que:

Para a Arte, a cartografia é a experimentação do pensamento ancorado no real, é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer, com base na construção do conheci-



Figura 6: Foto a partir de sucata.
Imagem 30x21. Recicladora
S.Maria. Foto: Jane Zofoli (2017)

mento e da atenção que configura o campo perceptivo do processo em curso. (KASTRUP, 2010, p.18)

Acredito que, tanto através da cartografia quanto da poiética, eu possa fundamentar minha pesquisa neste trabalho que pretendo apresentar de uma forma sensível e de interesse para as artes visuais.

Artistas contemporâneos utilizam o método cartográfico por acreditarem na possibilidade de organização do processo, através das ideias e pensamentos do artista pesquisador. Eles mostram não somente o objeto de pesquisa, mas o seu percurso. Percorri diversos locais para realizar as fotografias resultantes deste trabalho. Para continuar a pesquisa utilizo também a poiética, baseada nos conceitos de Rey:

O objeto da Poiética não se constitui pelo conjunto de efeitos de uma obra percebida, não é a obra acabada, nem a obra por fazer: é a obra se fazendo. A Poiética pressupõe três parâmetros fundamentais: liberdade (expressão da singularidade), errabilidade (direito de se enganar) e eficácia (se errou, tem que reconhecer que errou e corrigir o erro). Leva em conta a constituição de significados a partir de como a obra é feita. (REY, 1996)

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Significa dizer que embora o erro possa ocorrer na pesquisa é importante identificar onde e como ele se produziu, para corrigi-lo evitando problemas futuros. A poética permite esse fazer e acertar, à medida que a obra acontece. Acredito que posso fazer um trabalho de pesquisa em artes buscando imagens em locais de descarte, extraíndo desse ambiente objetos que se transformarão pela estética fotográfica.

Os depósitos de lixo como suporte de meu fazer artístico permitirão fazer do descarte uma obra que faz do descarte o meio por excelência de tratar esse problema ambiental nas sociedades contemporâneas. As imagens captadas, por serem estéticas, serão também políticas e portadoras de conteúdos capazes de tecer um elo entre o que é visto e a realidade vivida. Reciclar através do olhar fotográfico é, pela força da imagem, criar condições de transformação real no meio ambiente.

Este trabalho em arte fundado na poética do descarte tem a pretensão de pensar e contribuir com ações de sustentabilidade, levantando questões e alternativas para que o mundo se torne mais sustentável, para que as futuras gerações tenham a consciência da necessidade de um convívio adequado com seu entorno. O problema é mundial e a arte contemporânea assume a responsabilidade de criar obras que cruze sua especificidade com outras disciplinas no interesse da mesma causa.

Também a ressignificação do olhar sobre o descarte, a sucata, o lixo, através da fotografia é uma real possibilidade de contribuição das Artes, para o Meio Ambiente. A expectativa é fazer um projeto de qualidade estética que represente um modelo que emocione pela poética resultante e, conseqüentemente, agregue valor socioambiental.

O interesse dessa proposta numa pesquisa de mestrado em Artes reside na transdisciplinaridade que ela exige; o encontro da arte com outras disciplinas do conhecimento trará o saber específico de cada uma delas e, em contrapartida, sairão também enriquecidas dos conteúdos sensíveis que a arte propõe.

As questões do meio ambiente e as ações sustentáveis ultrapassam os muros da academia, pois o interesse da arte, nesse caso, vai além do objeto criado uma vez que esse deve se abrir à comunidade como um todo.

REFERÊNCIAS

- OUCHOT, Edmond. *A Tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual*. Tradução Sandra Rey. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2003.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller - Campinas, SP: Papirus, 1993.
- DUCHAMP, Marcel. *Pensar educação*. Disponível em: <https://www.portal.fae.ufmg.br/Marcel%20Duchamp>. acesso em 15 jul 2018.
- FONTENELLE, I. A. *A ressignificação da crise ambiental pela mídia de negócios: responsabilidade empresarial e redenção pelo consumo*. Galáxia (São Paulo, Online), n. 26. 2013.
- KASTRUP, Virgínia (orgs) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2010.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 2001.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

MUNIZ, Vik, BUENO, Alexei. *Lixo Extraordinário*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. G.Ermakoff, 2013.

MUNIZ, Vik. *Obras de Vik Muniz*. Disponível em: <https://bethcruzblog.com>.2009, acesso 10 jul 2018

PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva, 2004.

REY, Sandra. *Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em artes visuais*. Porto Arte, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS, n.13, v.7, 1996.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.43
Jan/jun 2020
e-ISSN: 2179-8001

Jane Andiará Soares Zofoli

Mestranda em Artes Visuais, Departamento de Artes Visuais Universidade Federal de Santa Maria, Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia

Texto recebido em: 16/11/2019
Texto aceito em: 15/06/2020
Texto publicado em: 30/06/2020

Como citar: ZOFOLI, Jane Andiará Soares. Fazer e Pensar: Uma experiência poética partir do descarte de sucatas no Meio Ambiente. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 43, jan-jun. 2020. ISSN 2179-8001.

DOI:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.96549>.
